

2011 - Onde está a Oposição nacional?

Onde está a Oposição nacional?

por: Eugénio Costa Almeida©

No passado dia 3 de Setembro, num sábado que se esperava fosse igual a outros, embora se soubesse que estava prevista uma manifestação organizada por grupo de jovens da sociedade civil de várias camadas sociais sob o patrocínio de diversos artistas e apoio do Bloco Democrático, entre outras organizações políticas(?), e que visava, entre outras matérias, a diminuição das propinas universitárias públicas, a democratização dos órgãos públicos, o fim do longo consolo de Eduardo dos Santos e alteração da Constituição para eleição directa e universal da Presidência da República. Como já é conhecimento geral esta manifestação, licenciada e autorizada superiormente, degenerou em confrontos entre as autoridades policiais e alguns manifestantes resultante de, segundo parece, conflitos externos à manifestação que redundaram em detidos e vítimas feridas e, ainda que nunca oficialmente confirmado na altura que se escreve estas linhas, terá havido, também, vítimas mortais. Repito nunca oficialmente confirmado, só sussurrado nas redes sociais. Depois desta manifestação (des)organizada – se previam ir para além da zona autorizada, deveriam ter manifestado, previamente, essa intenção par não, mais tarde, serem impedidos de prosseguir como o foram – aconteceram outras manifestações espontâneas devido às detenções e posteriores pleitos judiciais, também estes (des)organizados de forma pouco credível, onde voltaram a acontecer novas detenções. Ou seja, o que se esperava ser uma simples manifestação de intenções pouco políticas e mais sociais, acabou por degenerar num movimento problemático para o aparelho de Estado e pôr a nu as fragilidades sintomáticas da Oposição angolana ao actual e habitual modus operandi e quase mono-proselitário do partido no Poder. Mas voltando à questão da manifestação, o que realmente é problemático não é o facto de estarmos perante uma situação de quase monopartidarismo – o que é grave numa democracia dita pluralista – ou de ser (e tem sido) organizações sociais civis a declararem e a patrocinarem movimentações públicas contestatárias à actual situação política; mas sim a não existência de uma efectiva Oposição em Angola face ao protagonismo do partido maioritário – exponencialmente superiorizado – e dos seus líderes. Até porque, na realidade, o único partido que em Angola está, actualmente, verdadeiramente estruturado profissionalmente, é o partido do Poder. Ora, onde é que está a Oposição pública dos partidos políticos eleitos para a Assembleia Nacional ou fora dela? Abandonar o hemiciclo quando não se concorda com algum dos projectos-leis apresentados? Reclamar a libertação imediata dos contestatários detidos? Contestar a exposição que os órgãos públicos informativos dão às transferências dos partidos ditos oposicionistas para o partido maioritário ou da não informação por aqueles de transferências contrárias? Aparecer só quando há movimentações sociais e delas tentar obter dividendos políticos? Pouco, muito pouco por parte daquilo que se espera de uma Oposição efectiva, tendo em vista uma governação clara e objectiva, incorruptível visando a alternância democrata do Poder. Aquela deve ser feita diariamente e nunca quando emergem actos operados ou movidos por terceiros. Caberia à Oposição apresentar eventos que coagissem os media público (e privado) a partilhar com o público. Competiria também à Oposição exhibir as suas Convenções anuais, em tempo útil, e não a reboque, para que o Povo soubesse que há mais partidos e, com eles, mais Democracia. Deve caber à Oposição patrocinar e levar a efeito as diferentes contestações ao Poder instituído sob pena de manifestações espontâneas sociais se resvalarem em pura rebeldia e anarquismo ao gosto do Poder comodamente estabelecido. Ora, onde é que, realmente, anda a Oposição angolana? 19/Set./2011 ©Artigo de Opinião publicado no semanário angolano Novo Jornal, “Opinião” ed.194, de 7-Outubro-2011.